

*Deve ser publicada no
Jornal do Commercio
ainda esta semana*

Paula

IMPRESSÕES DO NORDESTE

25-12-923

LIGEIROS REPAROS. A ULTIMA CONFERENCIA DO DR. PAULO DE MORAES BARROS

TH. POMPEU SOBRINHO

CEARÁ - FORTALEZA

Editorial do "Jornal do Commercio"

11/12/1923

AG 3.2.6.1.33-1

O nome illustre que firma esses ligeiros reparos impelle-nos a lhes oppor a mais formar contestação, afim de que não passem em julgado proposições tão erroneas e descabidas sobre assumpto de tamanha relevancia aos interesses do paiz.

Reconhecendo embora os seus alevantados intuitos no nobre empenho de enaltecer a terra gloriosa do seu berço, não nos é licito silenciar diante de diversas affirmativas longamente explanadas pelo Dr. Pompeu, pretendendo invalidar algumas das impressões por nós externadas em despretençiosas palestras.

Seja-nos dado assegurar desde logo que nessas palestras, como na presente replica, não nos moveu outro sentimento senão o de contribuir para o aclaramento de certos problemas nacionaes, mencionando factos e enunciando conceitos, sempre com intuito constructor.

Si apontamos falhas, a par, sugerimos ou estudamos os correctivos que se nos afiguram mais adequados.

Poderemos errar na interpretação de phenomenos subjectivos, mas, ao registrar os objectivos atemo-nos rigorosamente, na argumentação e nas deducções, aos elementos colhidos em meticolosa observação directa, ou junto as mais fidedignas fontes.

Ao contrario do que suppõe o Dr. Pompeu a velocidade das nossas excursões em nada affectou a veracidade das descrições e a ponderação dos juizos aventados. Aliás, quem possui espirito investigador, mediana perspicacia e habito de observar, viajando com as faculdades e sentidos alerta, registrando cuidadosamente as suas impressões, raramente se engana. A prova,

ligada bem de perto ao assumpto em questão, tem-n'a S.S. no relatorio da Comissão de visita ás obras do Nordeste, substancioso repositório informativo e deductivo, fonte originaria das nossas incriminadas impressões.

Desfeita essa erronea insinuação, passemos aos demais reparos que, em essencia, versam sobre os seguintes themas, intimamente entrelaçados entre si:

inaptidão do braço operario existente para a grande lavoura irrigada e inconstancia do trabalhador nordestino;

superficie dos terrenos irrigaveis em real cultivo agricola no Quixadá;

custo elevado do beneficiamento das terras pela irrigação projectada e restricções quanto ao exito das grandes barragens em construcção para a agricultura irrigada;

inferioridade do clima de S. Paulo sobre o do Nordeste;

superioridade das terras do Nordeste sobre as terras paulistas e maior valor economico da cultura do algodão sobre a do café.

Outros reparos dizem respeito a questões de nonada, ou a simples conjecturas, como a que se refere a possibilidade da irrigação prejudicar a qualidade do precioso algodão do Seridó.

Analysemos os itens na ordem enumerada.

A inaptidão que attribuímos ao braço nordestino para a grande lavoura irrigada é a mesma que attribuiríamos ao cabôclo paulista ou mineiro, si fosse questão da grande irrigação em S. Paulo ou Minas. E, como é facil deduzir da nossa increpada asserção, ella é apenas relativa, temporaria, e não absoluta.

(nem espaço)



Nosso pensamento foi claramente expendido nos periodos seguintes da nossa primeira palestra: "Como complemento accessorio indispensavel urge que se cogite da formação de nucleos de colonisação estrangeira, preferentemente de origem latina, que podem ser ensaiados nas terras frescas

e sadias das serras e, mais tarde, junto as igualmente sadias das varzeas, nestas com gente affeita á lavoura irrigada, ainda que com colonos amarellos

Esses nucleos serão as mais fecundas, necessarias e efficientes escolas de trabalho rural, pelo exemplo e pela contiguidade, unicas que se nos afiguram proveitosas tendo-se em consideração a indifferença peculiar ao espirito deprimido das populações do sertão."

Aliás, esta nossa opinião individual acha-se amparada pela collectiva da Comissão nos seguintes trechos do seu relatorio official: "Não devemos esconder o nosso receio de que o auspicioso resultado em vista pode deixar de ser attingido dentro de prazo razoavel pela difficuldade da congregação de todos os factores, dentre os quaes, a colonisação parcial como escola, impõe-se como decisivo. A lavoura por irrigação exige braços affeitos a esse trabalho; se não fôr possivel obter colonos europeos, que venham propicial-a os hindús do Punjab, os fellahins do Egypto, ou os japonezes.

Não é demais insistir neste ponto, afim de que em tempo surjam as providencias premunitorias.

No Sul, onde a organização do trabalho rural está consolidada e a colonisação assenta em bases solidas, ainda é muito sensivel a falta de braços aptos. No Nordeste, onde tudo está por fazer, mais difficil será preencher essa falta."

Ha lavoura irrigada e lavoura irrigada. A pequena lavoura de revença, de vasante e das encostas humidas do Cariry, rezumidas por sua natureza, ~~xxx~~ lavoura que não demanda conhecimentos technicos, pode ser praticada pelo cabôclo do Nordeste, como pelo ~~xxxx~~ sulino; mas, a grande lavoura irrigada, intensiva e extensiva, que exige technica e conscante adestramento, manuel e mechanico, nas lavras, noafolhamento da terra, na sementeira, no tratamento racional, na defeza das plantações e na colheita, condições essenciaes, para ser economica, lavoura como se pratica no Egypto, na India, ~~xxx~~, como vimos praticada na Europa, nos Estados Unidos, na Argentina, no Japão, esta exige braços apropriados, em que peze ao exagerado nativismo do nosso illustre contraditor, e não pode ser exercida sem previa aprendizagem. D'ahi a nossa affirmação sobre a inaptidão relativa do braço nordestino, e somente relativa, porquanto, adestrado devidamente

elle poderá ser aproveitado em largas proporções.

É de pequena monta, cremos, a divergencia sobre a inconstancia do trabalhador nordestino e, talvez o Dr. Pompeu se houvesse conformado com nossa asseveração, se tivéssemos generalizado o qualificativo a todo cabô-clo brasileiro. Se assim não fôr, venha o incansavel scientista apreciar comnosco na labuta diaria da terra paulista, o colono europêo, o japonez, o cabôclo local e o nortista, este ainda em levas consideraveis, trabalhando lado a lado pela prosperidade nacional, e convencer-se-á da verdade do nosso acerto. Não é curial admittir que no Nordeste, onde são mais asperas as contingencias da vida rural e menor a competiçã do trabalho organizado, com a inacção ~~xxxxx~~ forçada periodica do operario determinada pelas crises climaticas, a sua constancia seja maior que no Sul. A contradita relativa a superficie irrigada pelo açude do Quixadá é de feiçã mais melindrosa, pois, importa em desmentido categorico a uma affirmaçã nossa, com base em facto objectivo. Tal affirmaçã tambem se acha amparada pela opiniã solidaria de outros dois membros da Comissã, no periodo de relatorio adiante transcrip-to, reproduzido quasi ipsis verbis em nossa palestra: "Não é demais repetir o que ocorre no Quixadá, com sua açudagem funcionando ha mais de 12 annos, com duas sêccas de permeio, sem ter conseguido irrigar mais de 130 hectares dos 2.000 que possui, e isso por culpa da indifferença local." Escreve o Dr. Pompeu textualmente, ^{fugindo} ~~fringindo~~ pela primeira vez as normas da sua costu-meira gentileza: "Quasi tudo quanto ahi está dito é falso". E mais adiante: "Antes de 1920 a area beneficiada não excedia muito de 800 hectares; hoje attinge a cerca de 2.000".

Esta proposiçã é audaciosa e inveridica, como vamos eviden-ciar.

Não se trata de irrigaçã anterior, nem posterior a 1922, mas sim de irrigaçã nesse anno em que visitamos o Quixadá.

Em toda a excursã foi sempre a Comissã, ~~X~~olicitamente assis-tida pelos chefes dos districtos e seus mais graduados auxiliares, incumbidos pelo Presidente da Republica de lhe prestarem todas as informaçõs dese-jadas. No Quixadá foi ella acompanhada na minuciosa visita feita á barragem á Escola Agricola Pratica (fechada), ao Horto, Posto de monta e as plantaçõe marginaes dos canaes primarios, unicas de certa nota, pelo Dr. Henrique de

Novaes, Chefe do 1º districto (Ceará) e pelo proprio Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, da bocca de ambos recebendo as informações solicitadas, que eram incontinentemente registradas nas cadernetas de cada um dos seus membros.

Eis o que consta da nossa:

22-11-1922 - Quixadá

Bacia hydrographica 210 kilometros quadrados.

Bacia hydraulica 114.000.000 metros cubicos.

Area irrigavel - 2.000 hectares.

" irrigada - 230 "

dos quaes apenas 150 de particulares.

Proprietarios aproveitando a irrigação - 124 matriculados

Comprimento da barragem 415 metros.

(linda barragem curvilinea)

Altura - 25 metros da base das fundações

20, acima d'ellas

e 16, do nivel da comporta.

Evaporação - 1,60 metros por anno, até 2 nas sêccas.

Chuva annual (precipit.) 750 mill.

1 canal de sahida - 300 metros.

1 " principal - 1.800 metros.

1 " Sul com 8 kilometros.

1 " Norte com 9 kilometros.

Culturas irrigadas: arroz (pouco), forragens, cereaes, canna, legumes, mandioca, batata doce, coqueiros, fructas, mongubas, cajazeiras, abacateiros, jaqueiras, algodão.

Valor medio do hectare irrigado - 300\$000.

HORTO

Eucalyptus (fracos, só citriodora e tiviticornis) robinias, casuarinas, ficus benj., amoreiras.

ESCOLA AGRICOLA PRATICA - FECHADA POR FALTA DE VERBA

Area irrigada - rectificada para 130 hectares.

POSTO DE MONTA

2 touros Schwitz e

2 vaccas 3/4 Schwitz

1 cavallo mestiço-anglo-arabe

1 jumento com feridas nas mãos

Construção do açude 1884-1906

Custo total inclusive barragem, accessorios e canaes de irrigação 5.300 contos.

Como se vê, os dados são precisos e contestes com os do relatório, o que quer dizer, com os registrados pelos dois outros membros da Comissão, o General Rondon e o Dr. Simões Lopes. Alem disso, mesmo com boa vontade não era licito avaliar os terrenos occupados e os preparados para as culturas annuaes, todos abrangidos pela vista da crista da barragem, em mais de 130 hectares. Ao longo dos canaes secundarios não existiam vestigios de culturas, nem de preparação dos terrenos, necessaria á irrigação; a menos que considerassemos como culturas as orlas de verde, de capim nativo, bordando os canaes secundarios. Assim pois, se quasi tudo que escrevemos é falso, sobre quem deve recahir a pécha de falsidade?! ...

Do nosso lado, alem do nosso registro diario, temos o testemunho solidario dos outros dois membros da Comissão.

Deveria bastar e poderiamos ficar por aqui, pedindo ao nosso acatado contradictor que derimisse a questão consigo mesmo.

Entretanto, sabendo que o Dr. Emilio Castello, o abalisado Superintendente do Serviço Federal do Algodão, estivera em visita de inspecção no Nordeste, em meado do anno corrente, a elle recorreremos solicitando esclarecimentos a respeito do contravertido thema.

Eis a resposta:

Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1923

"Amigo Dr. Paulo de Moraes Barros

"Accuso recebimento de sua presada carta de 17 do
"corrente e com muito prazer ~~xx~~ respondo á pergunta nella formu-
"lada, isto é, em quantos hectares calculei a area realmente em
"cultivo, pela agricultura de irrigação, nas varzeas irrigadas
"do Quixadá.

"Como sabe o presado amigo, vizitei Quixadá no mez
"de Junho, epoca em que a irrigação não estava sendo feita por
"chover regularmente.

"Muito interessado, porém, em conhecer os methods
"de cultura ali adoptados, pois pela leitura de relatorios da Ins-
"pectoria Federal de Obras Contra as Seccas fora informada da exis-
"tencia de culturas irrigadas, me detive tres dias em Quixadá

"visitando detalhadamente o açude do Cedro, percorrendo terrenos
"marginaes dos canaes de distribuição de agua em Companhia de pes-
"soas da localidade, entre ellas os encarregados dos serviços de
"distribuição da agua ali mantidos pela referida Inspectoria.

"Comprehendendo a ausencia de culturas de irrigação no
"momento, pela frequencia das chuvas, mas muito surprehendido
"pela ausencia de adaptação dos terrenos que examinei para a cul-
"tura pelos processos ordinariamente adoptados para irrigação,
"fui informado de que a pratica ali consta apenas do transborda-
"mento dos canaes secundarios sobre os terrenos lateraes nos roça-
"dos e pastagens correndo a agua á sua discreção sobre a superfi-
"cie e finalmente detendo-se nas zonas mais baixas, provocando fre-
"quentemente a afflorescencia de saes alcalinos pela falta de dre-
"nagem, o que muito damnificava o terreno, inutilizando-o para a
"cultura e desprestigiando o processo de irrigação.

"As culturas beneficiadas por este processo rudimenta-
"rissimo de utilizar a agua, muito pittorescamente denominado "
"Wild flooding" pelo Prof. King em seu livro "Irrigations & Drai-
"nage", cinge-se a pequenos talhões de canna, escassos pomares e
"na generalidade a capinzaes de corte e pastagens.

"Salvo um hectare de algodão irreprehensivelmente plan-
"tado e irrigado na ex-Escola Pratica de Agricultura, um algodão
"de uma vintena de hectares e alguns quarteis de canna cultivadas
"na fazenda S. José sob a direcção do Sr. Thomazinho Pompeu, ne-
"nhum outro vestigio vi do que se possa chamar cultura irrigada,
"pois embora em epoca de chuvas, os terrenos que vi em pastagens
"ou pousio, talvez, pois estavam abandonadas, deviam deixar paten-
"tes os dispositivos usados para a distribuição da agua no periodo
"estival.

"A administração do açude em Quixadá, tem um registro
"de utilização e pagamento de taxas de agua utilizada para a irri-
"gação pelo methodo a principio referido e é provavel que a este
"registro se refira o Sr. Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho computando a
"area theoreticamente beneficiada pelo açude em questão.

"Estudando in loco culturas irrigadas de arroz, canna e
"algodão na Luiziania, de arroz e algodão no Texas, de alfafa e
"pastagens na provincia de S. Luiz na Republica Argentina e as de
"arroz nas varzeas do Rio Parahyba em São Paulo, nao tive opportu-
"nidade de deparar com processos tão elementares e anti-economicos
"de utilizar terrenos beneficiados pela irrigação como em Quixadá,
"região fertil, optimamente situada sob o ponto de vista de merca-
"do para seus productos, provida de meios de transportes e que gra-
"ças á intelligencia e ~~aproximada~~ operosidade de seus habitantes
"devia estar transformada em verdadeiro jardim, sem um palmo de
"terra desaproveitado.

"Pode-se dizer baseado em registros officiaes que estão
"inscriptos para utilização da agua em Quixadá dois mil hectares
"de terrenos e até mais, mas eu affirmo que realmente irrigados
"por methodos industriaes; como era de esperar para justificar
"a grandiosidade da obra inicial, não existe ainda parcella men-
"cionavel e só poderá existir quando o agricultor local, intelli-
"gente e operoso como é, tenha instrucção tecnica efficiente,
"ministrada pelos Governos ou pelo exemplo de vizinhos affeitos
"á irrigação, vindos de paragens onde o processo seja corrente e
"modernizado.

"Autorisando ao amigo de utilizar-se da presente como
"bem entender, termino, continuando como sempre ao seu inteiro
"dispor,

Amigo e Attº Admºr.

(a) ~~Em~~ Emilio Castello

É mais um insuspeito testemunho que se manifesta ao lado da verdade.

Ou será a "Área theoreticamente beneficiada pelo açude em questão" que o Dr. Pompeu considera pratica e technicamente irrigada?

Não é, pois, com fundamento que consideramos audaciosa a asserção de 800 hectares e inverosimel a de 2.000 hectares irrigadas effectivamente pelo açude do Quixadá.

Passemos adiante. As restricções que fizemos sobre o exito economico das grandes barragens em construcção no Nordeste, nasceram da convicção de ser quasi impossivel no presente angariar os braços operarios aptos afim de constituirem os indispensaveis nucleos-escolas para o trabalhador local. Essa quasi impossibilidade actual é real e não imaginaria.

As correntes emigratorias não se estabelecem ao sabôr das necessidades das regiões á colonisar. Ellas encaminham-se de preferencia para os paizes de clima temperado ou frio, ao ~~xxxxxx~~ aceno de perspectivas de rapida prosperidade material, buscando as zonas de terra boa e barata, servidas por boas vias de communicacão, onde já existam nucleos colonisados por individuos da mesma raça.

D'ahi a gradativa diminuicão de colonisacão do Sul ao Norte do Brasil, escasseando os immigrants á medida da proximidade do Equador.

As mesmas difficuldades do Nordeste incidem nas Guyanas, Columbia, Venezuela, Mexico, America Central, Cuba, Equador e Peru. O emigrante europeu não quer saber se o clima do Ceará é mais salubre do que o do Sul, se as suas terras são mais productivas do que as paulistas; se o "ouro branco" valerá de futuro mais do que vale o "ouro verde" no presente. O que lhe importa saber é, se o clima é temperado, se a terra é boa e está ao alcance das suas poucas reservas e se terá facilidade para realizar a venda vantajosa do producto do seu trabalho. Melhor responde ao illustre Dr. Pompeu o trecho seguinte da nossa terceira palestra: "No Brasil só existe colonisacão organizada nos Estados do Sul. Sirva-nos de amostra S. Paulo para uma illaçã de cotejo. Nesse Estado, a populaçã estrangeira que orça por milhão e meio de habitantes, foi originariamente em sua quasi totalidade, ~~xxxxit~~ constituida por operarios agricolas. Esses elementos primordiales, estaveis pela prosperidade, são os melhores arautos de propaganda a favor da corrente immigratoria existente. S. Paulo possui clima temperado e salubre:

possue rãde ferro-viaria cortando as mais ferteis regiões do seu territorio; possue grande e pequena lavoura altamente remuneradoras; possue mercados organizados para o escoamento da sua produçãõ; possue na lavoura de café o seu "ouro verde", o maior cabedal agricola conhecido; possue terras virgens em area mais vasta que o conjuncto irrigavel do Nordeste, terras que não precisam ser irrigadas para produzirem o "ouro verde" e o "ouro branco", terras que são vendidas em prestações ao preço maximo de 150\$000 o hectare.

Pois bem, S. Paulo possuindo iniciativa, capital, terras productivas, colonisaçãõ consolidada, mercados organizados e corrente immigra-toria permanente, ainda se resente da falta de braços operarios, e tão in-tensamente, que condemna ao abandono cafezaes em produçãõ e acha-se impe-dido de extender a plantaçãõ de novos.

Como conceber que, sem um esforço urgente, possa ser levada de vencida a natural resistencia que, á colonisaçãõ, oppõe o Nordeste, onde, em materia de agricultura, tudo está por organizar, desde a natureza, a produçãõ, até o braço trabalhador?!

Tal esforço constituirá tarefa ardua e morosa, mas não irrea-lisavel, dependendo o seu successo da resoluçãõ e tenacidade com que fôr enfrentada.

Que, mesmo á custa de grandes sacrificios, se emprehenda a formaçãõ de nucleos coloniaes nas serras de Baturité, Ibiapaba, Meruõca e nas abas frescas da Borborema, não distante das linhas ferreas, nucleos de propaganda, nucleos chamarizes, nucleos destinados a desfazer os primei-ros obstaculos que a fama do clima oppõe á entrada do trabalhador exotico, e a campanha resultará numa victoria.

Das serras passarão os colonos para as varzeas enxutas, mais quentes, porem, tão salubres como aquellas. Notem que fallamos sempre em nucleos e não em colonisaçãõ integral, porque só sugerimos o colono como elemento educador, para adaptaçãõ e aproveitamento do nosso operario nativo.

Esses nucleos devem ser ensaiados desde logo, como facto-res necessarios ao resultado economico da irrigaçãõ, afim de que possam ac-tuar em tempo opportuno; ou, ao grandioso açude de Orós será reservada a mes-ma ingrata sorte do Quixadá".

Aliás, estas idéas, expendidas em palestra, de passagem em Guarimiranga, ao presidente do Ceará, o notavel estadista e saudoso brasileiro Dr. Justiniano de Serpa, não o escandalisaram, merecendo-lhe, ao contrario, approvação.

Se as nossas restricções sobre o exito das grandes barragens nasceram da convicção relativa á difficuldade de angariar o braço operario indispensavel á grande irrigação, ellas consolidaram-se diante do alto custo de construcção dos açudes, alto custo que redundará em exagerado valor unitario do hectare irrigado.

O proprio Dr. Pompeu, em seu natural optimismo, admite como custo razoavel do hectare de terra beneficiada pela irrigação, o que se mantenha entre um e dois contos de reis, no seguinte periodo da sua contradita: "Não é absolutamente elevado o custo de beneficiamento das terras dos ricos valles do Nordest e, desde que se mantenha entre um e dois contos de reis." (o gryphe é nosso). Ora, dentro desses limites só está previsto o custo do hectare a irrigar pelo açude de Orós, que importará em 1:283\$000, sem computar o valor venal da terra. Das outras cinco barragens destinadas á irrigação serão os seguintes os custos unitarios, segundo o relatorio official da Commissão; systema de S. Gonçalo, Piranhas e Pilões - 6:350\$000; Poço dos Páos - 3:409\$000; e Quixeramobim - 2:722\$000

Parece-nos que nesta parte da contraversia estamos desobrigados de levar adiante a nossa argumentação.

Nossa divergencia com o Dr. Pompeu relativamente á superioridade de clima nordestino sobre o de S. Paulo não pode ser profunda, porquanto em mais de uma passagem das nossas palestras rendemos justiça á excellencia do clima cearense. Isso não quer dizer que tal superioridade seja absoluta, bastando considerar que todo clima quente é naturalmente exaustivo e degenerador. Dessa excellencia podemos dizer nós que o experimentamos. Mas, vão lá convencer os paizes de emigração de tal verdade.

Quanto aos dois itens finais, releve-nos o ardoroso nativismo do Dr. Pompeu não os levarmos em conta como os demais.

Quer no relatorio da Commissão, quer em nossas palestras tivemos oportunidade de encarecer o valor da terra nordestina para a agricul-

tura, assim como o valôr da sua principal producção, o algodão.

As nossas - impressões - apontando umas tantas falhas que se nos antepuzeram á observação no Nordeste, não collimaram paralelas depreciadores entre parcelhas igualmente valiosas da federação brasileira, visando, como já dissemos, elevado intuito constructor, como sincero pretexto de admiração ~~das~~ hospitaleiras regiões visitadas "que acalentaram e ennobrecem os fóros da nossa nacionalidade".

Comp. 15/2